

AINDA LEMBRANDO

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação e capa

Joselito Miranda

Fotos

pexel.com

Imagens

Arquivo da autora

Revisão de texto

Jéssica Prudente

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Diniz, Maria do Socorro.

D585a Ainda lembrando. / Maria do Socorro Diniz.

- Aracaju: ArtNer, 2025.

142p.: il; 15cm X 21cm

ISBN: 978-65-83131-39-3

1. Prosa Narrativa - Biográfica

2. Memórias Biográficas

3. Memórias – Reflexões -Registros

I - Título

CDU:821.134.3 (813.7) - 3

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • <http://artner.com.br/>

Maria do Socorro Diniz

AINDA LEMBRANDO

Aracaju-SE

EDITORA
ArtNer

2025

Para George Marinho Coelho,
inesquecível coleguinha
de escola e minha primeira
perda consciente.

In memoriam

Ainda lembrando



George Marinho Coelho

Agradecimentos

*“Na minha alma, hoje também
corre um rio, um longo
e silencioso rio de lágrimas...”*

Cora Coralina

Fui desencavar os mais profundos sentimentos dentro de mim, reencontrando minhas raízes. E, nessa busca, encontrei, também, meus conterrâneos queridos, Aderaldo Medeiros; Elizabeth Marinho, irmã do meu inesquecível coleguinha de escola e amigo de infância George Marinho Coelho; seu primo amigo João Bosco Marinho, que nos reencontramos através da literatura; Alian de Souza Nóbrega, amiga inseparável que me dá o prazer de continuidade dos laços afetivos e experiências vividas e os confrades e confreriras do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Luzia, possibilitando-me novas descobertas não somente afetivas mas um constante enriquecimento de conhecimentos. E, finalmente, a você leitor que, de certo atraído pelas memórias vem ao nosso encontro. Todo o meu carinho!

Ao Dr. João Antonio Macedo Sobrinho, um “amor à primeira vista”, reforçando os laços afetivos e de gratidão que tenho à Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Sobrames-Regional Sergipe.

Um imenso obrigado, por fim, aos meus editores que corrigiram com talento minhas memórias.

Resta-me a certeza da gratidão a todos que me fizeram percorrer os caminhos de volta. Na certeza, também, que valeu a pena!

Ainda lembrando



“As recordações não aflorarão
Se não as formos procurar
Nos recantos mais distantes
Da memória”

Norberto Bobbio

Ainda lembrando



Apresentação

É com uma mistura de emoção e gratidão que me encontro aqui hoje para apresentar um livro verdadeiramente especial, escrito por uma amiga de infância que, como poucos, teve o privilégio de conhecer a doçura do meu falecido irmão George Marinho Coelho.

George nos deixou cedo demais, aos 12 anos. Ele era um menino meigo, amigo de todos, com um coração que transbordava generosidade. Lembro-me bem das histórias que minha mãe contava: ele ia ao lixo para pegar garrafas vazias, as trazia para casa, pedia ao meu pai para enchê-las de óleo na usina de algodão e as doava aos pobres da região do Monte de São Sebastião para que pudessem acender suas lamparinas. Em uma época em que a eletricidade era para poucos e o querosene um luxo, George era uma luz para aqueles que mais precisavam.

A autora do livro “Ainda Lembrando”, Maria do Socorro Diniz, dedicando-o ao George, sua primeira grande perda, sentiu na pele a dor da sua partida. A causa da morte de George à época foi envolta em mistérios e temores de uma doença contagiosa não diagnosticada, impedindo que muitos pudessem se despedir dele em seu sepultamento em Santa Luzia-PB. O destino, por vezes, mostra-se cruel em sua ironia. George adoeceu em Santa Luzia enquanto minha mãe estava em Campina Grande, convalescendo de uma cirurgia de apêndice. Ele foi internado no mesmo

hospital, e, em um doloroso acaso, faleceu no quarto vizinho ao dela. Minha mãe Dona Severina só soube da trágica notícia quinze dias depois.

Meu irmão mais velho Nelson se recorda do dia do enterro com uma clareza pungente. Meu pai Abel Coelho nos pegou no colo – eu, Elizabeth, e Byron, o caçula – enquanto Nelson e Newton ficaram ao seu lado, no terraço de nossa casa, acenando com um lenço branco. Uma despedida silenciosa, mas carregada de uma dor que ecoa até hoje. Embora eu, Elizabeth, tenha apenas uma vaga lembrança de George, sua presença e seu legado jamais foram esquecidos em nossa família.

A vida, como nos ensina a sabedoria popular e as escrituras, é de uma brevidade impressionante. Como diz o Salmo 90:10, “Os dias da nossa vida chegam a setenta anos, e se em razão da força chegarem a oitenta, o melhor deles é cansada e enfado, pois cedo se passa, e nós voamos.” E, em Tiago 4:14, somos lembrados: “No entanto, não sabeis o que acontecerá amanhã. Que é a vossa vida? Sois apenas um vapor que aparece por um pouco de tempo e logo se dissipa.” George partiu cedo demais, mas sua curta existência foi um testamento da capacidade humana de tocar vidas com gentileza e altruísmo.

A brevidade da vida nos impulsiona a cultivar as boas lembranças que ela nos oferece, a valorizar cada momento e cada pessoa que cruza nosso caminho. As lembranças de George, de sua bondade e de seu espírito generoso, são tesouros inestimáveis que guardamos em nossos corações. Elas nos mostram que o verdadeiro valor da vida não está na sua extensão, mas na intensidade com que a vivemos e no impacto que causamos aos outros.

Uma Vida Curta, Uma Lição Eterna! Este livro foi escrito por quem partilhou com George os anos de infância e o mesmo banco escolar, é mais do que uma obra literária, é um tributo à memória de um menino com um coração gigante. É uma prova de que, mesmo em uma vida curta, as crianças têm uma capacidade incrível de nos ensinar sobre o amor incondicional, a pureza de espírito e a importância de ajudar o próximo. George, em seus 12 anos, deixou lições que muitos não aprendem em uma vida inteira. Ele nos ensinou sobre a generosidade desinteressada e a capacidade de encontrar luz onde havia escuridão.

Convido a todos a mergulharem nesta leitura, “Ainda Lembrando”, que certamente a autora tocará seus corações e nos fará refletir sobre a beleza da vida e a importância de cultivar a memória, as amizades, a educação, o ser professor e o legado de amor e bondade.

Elizabeth Marinho

Escritora; Graduada em Ciências Econômicas pela UFPB; Mestre em Engenharia de Produção sobre Processos na UFPB; aposentada da Energisa (antiga Saelpa), onde participou de inúmeros projetos sobre eletrificação rural; Sócia fundadora do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Luzia-IHGSL.

Um depoimento valioso

Sou primo legítimo e amigo de infância de George Marinho Coelho. Sua mãe era irmã do meu pai. Ele era mais velho uns dois anos do que eu. Estudávamos na mesma escola particular “Padre Anchieta”, cujo professor Manoel Octávio de Medeiros colocava a palmatória em cima da mesa a nos intimidar. Portanto, somos do tempo do uso da palmatória escolar!

George se destacava dos demais: muito educado, usava roupas limpinhas, parecia um lorde inglês. Usava um chapéu de cuia, um chapéu de caça inglesa. Somente ele e seu pai o tinham. Era o único a possuir uma bicicleta na cidade.

Ao ir para a escola, carregava um cantil cheio de água e o lanche era colocado em uma sacola que o diferia dos outros alunos.

Seu pai, meu padrinho, era o coordenador da SANBRA, responsável pela concentração do algodão produzido na Região do Seridó, usina de descaroçamento, beneficiamento, comercialização e exportação da fibra para outras praças. Falava inglês muito bem. Todas as encomendas ou pessoas estrangeiras chegadas naquela cidade procuravam-no para acompanhá-los ou traduzir. Lembro bem de um livro seu, em inglês, cujo autor tratava-se do Ernest Hemingway, um dos mais importantes escritores em língua inglesa do século XX.

Guardo na memória sua música predileta que George muito gostava de cantar: “Domingo Feliz” de Carlos Galhardo que muito tocava na difusora da cidade.

Costumávamos sair juntos para pegar passarinhos, perto da casa dele onde havia um riacho. Os instrumentos que nós usávamos nessa caçada eram escondidos em canos velhos de sua casa: uma baleeira e uma faca comprada na feira. Ao sairmos, pegávamos os objetos de caça. Somente ele e eu sabíamos daquele esconderijo.

Antes de chegar à sua linda casa, afastada da cidade, morava Jacinta, a lavadeira da minha tia – a mãe do George. Ela era de cor negra e tinha muitos filhos. E o George, apesar das diferenças, dava-se com todos eles e frequentava a casa deles sem discriminação ou preconceito qualquer.

Dois dias antes de ficar doente, estávamos cassando rolinha quando passou uma cobra jararaca por trás dele. Acredito que ela não o tenha mordido porque ele não se queixou. O certo é que ele adoeceu na época da pandemia da varíola, que assolou a região, matando muita gente e a todos amedrontando.

Levado para a cidade de Campina Grande – na época apresentava melhor tratamento de saúde que a capital –, somente resistiu por uma semana e, partiu precocemente.

Enquanto George lutava pela vida em Campina Grande, o locutor da nossa cidade Santa Luzia, Zezé de Enedino, todos os dias anunciava o seu boletim médico até seu falecimento. Lembrem que ele era filho de uma figura importante naquela cidade.

Estava de sobreaviso! Aquele dia acordei bem cedo. Morava ao lado da igreja e dormia no quarto da frente. Olhei pelas frestas da janela e vi uma camionete branca da SANBRA,

do meu padrinho. Ao olhar mais atento, descobri um caixão branco, pequeno e, me dei conta que o meu primo amigo partira. Caixão lacrado e não permitiram acompanhá-lo. Enterraram-no como se varíola fosse, uma doença contagiosa.

Fiquei traumatizado com a ausência do primo amigo! Ao estudar medicina, atento fiquei para descobrir as características da doença que o tirou do nosso convívio em tenra idade. Posso afirmar não se tratar de varíola. O diagnóstico foi completamente diferenciado. Tratou-se de uma doença autoimune, uma infecção do sistema circulatório. Seu corpo cheio de manchas vermelhas, febre alta e muitas dores, provocando microtrombos, tudo indica tratar-se de uma “Púrpura” autoimune, muito embora não saibamos o que causou, de fato.

Depois de sua morte, a difusora da cidade continuava a tocar sua música predileta “Domingo Feliz”. Então, minha tia, sua mãe, solicitou deles que não tocassem aquela música, por um tempo, porque ao ouvi-la muito lembrava o filho amado...

João Bosco Marinho

Médico pela UFPB e professor aposentado da Universidade de Brasília, onde criou e dirigiu o Serviço de Alergia e Imunologia por 29 anos; fundou o Serviço de Alergia e Imunologia do Hospital das Forças Armadas, Brasília; criou a Clínica Pró-Alergo, com outros dois colegas, em Brasília, com mais de 50 anos de funcionamento e sucesso; Escritor, poeta, compositor de músicas com letras que são verdadeiros poemas e cantor.

Brasília, 06/05/2025.

Comentário significativo

George Marinho Coelho – sua primeira perda consciente, Maria do Socorro Diniz –, foi também meu amigo da infância! Joguei “Pelada”, na frente da SANBRA, tendo ele como companheiro. Partiu cedo! Diziam: “Foi uma fruta de Cardeiro que comeu!”. Passei anos sem conseguir nem pegar uma fruta daquela. “Isso o tempo não conseguiu extinguir”.

Neste seu 5º livro, Maria do Socorro, parte das suas memórias é também as nossas!

Não tenho boas recordações de “Papai Tô”. Estudei lá poucas semanas, em 1949, juntamente com outras colegas, entre eles “Bilé”. O professor Manoel Octávio costumava castigar com palmatória! Perguntava: “Bilé, o que é isto que estou perguntando?”. “Não sei professor”, ele respondia. “Aderaldo Ferreira, responda!”. Dei a resposta. “Muito bem, dá uma palmatorada nele!” Bate, não bate, não bate... Resolvemos correr e pular a janela que dava para a rua e nunca mais voltamos lá.

Meu pai, José Ferreira Júnior, deu-me razão. Ele nunca bateu em um filho para ser atendido! Bastava um olhar e um gesto austero.

Naquele mesmo ano, 1957, quando você, Maria do Socorro, ingressou como professora na Escola Modelo José Américo de Almeida, também segui o mesmo destino. Não fui ensinar! Servi ao Exército – 15º Regimento de

Infantaria – durante 10 meses. Concluí o científico e em 1959 fiz vestibular para Geologia, no Recife, concluindo o curso em 1962, indo imediatamente trabalhar na Sudene, no Departamento de Mineração e Geologia, onde permaneci até 1976.

Muitos anos você viveu no Rio de Janeiro, sempre procurando se especializar, fazendo cursos como mestrado e especialização, com a finalidade de transferir, aos seus alunos, melhores conhecimentos.

Nos anos 60, já no Rio de Janeiro, quando começou cursando Geografia Urbana, teve como Mestra a Professora Maria Therezinha Segadas Soares. Naquela época você chegou a fazer uma comparação com a Escola de Chicago nos anos vinte!

Já no final dos anos 90, do Século XX, você fez seu doutorado em São Paulo – “Geografia Urbana” sua tese! Ainda morando no Rio de Janeiro.

Depois veio a discussão das dúvidas dos ex-alunos – “curso isso ou aquilo, o que é mais compatível com as minhas aspirações?”.

Inclusive as interrogações sobre o próprio valor – Nulidade, Talento, Gênio? Sucesso ou Fracasso? Chegando ao ponto de dizer “Faço Geografia, Astronomia ou Geologia?”.

Àquela altura, na sua constância de estudar para ensinar Geografia, com firmeza e consciência, chegou a São Paulo para fazer doutorado na USP, conforme sua tese e seus desafios! A maioria de um “grupo de professores”, seus ex-alunos, estava distribuída em Geografia Urbana, Agrária e Geomorfologia, ao ponto de existirem alguns professores, e muito mais pesquisadores e geógrafos! Onde ficava

a didática? Como disse você, Maria do Socorro, “A geografia que a gente aprende, não é a geografia que a gente ensina.”

A Geomorfologia é a Ciência que estuda a estrutura e as formas da superfície terrestre, interagindo Geologia e Geografia! Desce do Altiplano do Cariri (Altitude média de 580 m) para a Planície do Sertão do Seridó (Altitude média de 350 m), e onde você nasceu, no “Olho D’água Grande, formaram-se Inselbergs! E para homenagear nosso Torrão, Santa Luzia, a natureza criou muitos deles, incluindo o Pico do Yayú, o mais bonito daquela planície Sertaneja, formada nos Períodos Geológicos “Permeano e Atual”.

Mesmo com os baixos salários, Maria do Socorro Diniz, você tinha uma vida “prazerosa”, mesmo que “estressante”, apesar de tudo, as “lições que deixam jamais se apagarem” dos corações que ensinaram a sonhar. Havia sempre aquela relação de respeito mútuo. Comentando Freud, em “Futuro de uma ilusão”, em que ele fala sobre “o mal-estar da Cultura”, você, Maria do Socorro, lembra a ressurgência de “mal-estar” chegando a ser “recalcado”! Claro, precisa de apoio!

A Festa do Rosário em Santa Luzia – você consegue lembrar com detalhes, daquela famosa festa “dos Negros” valorosos da nossa terra! –, no mês de outubro, dedicado à Nossa Senhora do Rosário, o Tope do Juiz com todos os participantes. Rei, Rainha, Juiz, banda com fole, tambor e os famosos dançarinos, movendo lanças, com a passagem das antigas tradições de Reisado, a coroa passando ano a ano, de um para outro representante, conforme manda o “Estatuto da Irmandade”.

Finalizando com seu retorno às lembranças de sua infância na Veneza Paraibana, os elogios a Luzia Araújo de

Medeiros, a Maria Alba, também grande Mestra, às suas antigas professoras, como Dagmar Gambarra, aos efeitos das Secas e como conviver com elas, e às antigas colegas, como Alian! E até os colegas, quando fala de José Eymard de Medeiros e seu tempo de estudo em um colégio feminino! Terminando seu discurso de posse, no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Luzia-IHGSL, no final do ano de 2024. Um maravilhoso pronunciamento!

Somos ambos de Santa Luzia do Sabugy! Nascemos e vivemos na mesma época, enfrentamos os mesmos desafios, estudamos, sem saber que o futuro nos uniria novamente! No Grupo Escolar Coelho Lisboa, enfrentamos com galhardia a “Palmatória do Prof. Manoel Octávio”. Muitos dos seus amigos e amigas foram também meus.

Agora o nosso IHGSL nos põe – você, Maria do Socorro, e eu, Aderaldo Ferreira –, uma diante do outro para celebrar o seu 5º Livro, que tem como título “Ainda Lembrando”. Como disse um amigo meu, no final do prefácio que fez de um livro meu – Trilhas da Mineração no Seridó – “Caro leitor, se delicie com a leitura”.

Você, Maria do Socorro, viveu em uma eterna batalha! Sem dúvida nenhuma, é uma mulher guerreira.

José Aderaldo de Medeiros Ferreira

Professor aposentado – Mineralogia, de Geologia Econômica e de Gemologia, nos cursos da área de Mineração da UFPB - Campina Grande. Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Luzia-PB/ IHGSL.